

Illustração Portuguesa

RECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humorístico do Seculo e da Illustração Portuguesa	
PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA			
Anno.....	4800	Anno.....	85000
Semestre.....	2400	Trimestre.....	28000
Trimestre.....	1800	Mez (em Lisboa).....	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capaz: A' SAIDA DA ESCOLA DO EXERCITO: VIVA EL-REI (cliché de Benoit!) • Texto: QUEM É O REI DE PORTUGAL, 32 illustr. • ARTES E LETRAS, 8 illustr. • UMA GRANDE MANIFESTAÇÃO MONARCHICA: OS PORTUENSES EM LISBOA, 6 illustr. • A FESTA DA ESCOLA DO EXERCITO: A PRIMEIRA VISITA OFFICIAL DE EL-REI, 8 illustr. • MONÇÕES DA INDIA, 7 illustr. • A 10.ª CONFERENCIA TELEGRAPHICA INTERNACIONAL EM LISBOA, 6 illustr. • EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO, 15 illustr. • UMA PINTORA PORTUGUEZA, 9 illustr.

Novo diamante americano

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 4.000 rs. o par. Lindos collares de perolas a 4.000 rs. 96. Rua de Santa Justa, 96. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. **Não confundir a nossa casa.** (Junto ao elevador) LISBOA

o passado, presente e futuro recebido pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e obisignomonia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambruze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria. a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dê consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, sobre-loja—LISBOA

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

VAGO

PRISÃO DE VENTRE HABITUAL

ALOINA HOUDÉ

ENXAQUECAS FALTA DE APPETITE

A. HOUDÉ, 20, Rue Albouy, Paris.

Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA

EXTRACÇÃO de dentes sem dor desde 200 rs. 1500 réis. Collecção de dentes desde 1500 réis. **Consultorio cirurgico-dentario, R. das Chagas, 42, 1. (Ao Calhariz) TELEPHONE 1892**

1849

BELLEZA DO ROSTO

O LEITE ANTEPELICO

ou **Leite Candês**

para ou montado em agua, dissipa

Bardos, Toz Gesticão

Pintas-Rubras, Borbulhas

Hongo Barabulhenho e

Arinheiro, Augas

Construyta a qual illu

CAMILLÉ, 12111

1849

1849

BELLEZA DO ROSTO

O LEITE ANTEPELICO

ou **Leite Candês**

para ou montado em agua, dissipa

Pinturas, Toz Gesticão

Hongo Barabulhenho e

Arinheiro, Augas

Construyta a qual illu

CAMILLÉ, 12111

1849

DISCOS Simplex

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiras. Marca registada. Propriedade exclusiva de J. CASTELLO BRANCO. — Preços excepçoes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. Grande deposito de discos e machinas falantes. Pedir catalogos

J. CASTELLO BRANCO

Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 LISBOA

As GOTTAS CONCENTRADAS de FERRO BRAVAIS

350 o mais efficaz remedio contra **ANEMIA**
CHLOROSE, CORES PALLIDAS
Sem thero nem sabor o Ferro Bravais é recommendado por todos os medicos do mundo. Não constipa o ventre. Não enegrece os dentes — É a mais pura e superior **SAUDE — VIGOR — FORÇA — BELLEZA** — Dissolve-se nas leituras.
350 se vende em GOTTAS e em Filulas.
TODAS FARMACIAS e Droguarias. — Depoito: 130, Rue Lafayette, PARIS.

Agencia de Viagens



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE Successores

FORNECEDORES DA CASA REAL

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulares a preços reduzidos e com itinerario á vontade dos viajantes na **SUISSA, ITALIA, FRANÇA, ALLEMANHA**, etc. Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte (o Sol á meia noite). Viagens ao **Egypto** e á **Terra Santa**. Passagens para o **Brazil** e **Rio da Prata**. Cheques de viagem substituindo vantajosamente as cartas de credito.

QUEM É O

(Continuado
do n.º 116)

N'esta prova final, com que se despedia dos seus estudos favoritos, D. Manuel—queia completar 18 annos em novembro—demonstrou a vivacidade de uma intelligencia adornada de todos os brilhos do humanismo. O ponto de historia universal, que abrangia o longo periodo que vae da paz de Westphalia á Revolução (1648-1786), serviu-lhe esplendidamente para exhibir n'esse torneio humanista as galas de uma erudição historica vastissima, que assombrou os srs. Jayme Moniz e Consiglieri Pedroso. Era o seu *canto do cygne!* Falando as linguas com desembaraço e elegancia, dissertando em inglez sobre Shakespeare e Shelley, dissertando em allemão sobre as consideraveis influencias politicas e sociaes que os pactos solemnes de Munster e Osnabruck exerceram no movimento philosophico do seculo XVIII, precursor da Revolução e consequentemente da irradiação do systema liberal no governo de todos os povos da Europa, o Infante manteve até ao fim do longo e fatigante exame a elevação d'essa *ars dicenti*, tão pouco vulgar nos Braganças, que seu avô D. Luiz possuia no mais alto grau e que os humanistas sempre tiveram em conta do mais nobre attributo da intelligencia.

A educação de um Príncipe! Quão longe nos levariam



REI DE PORTUGAL

as considerações a que este thema convida! Não acabou o sr. Ramalho Ortigão—ornamento da litteratura contemporanea e um dos mais probos caracteres d'esta tão succumbida gente portugueza,—de repudiar n'um panegyrico, já agora historico, essa pagina de satyra despidiosa em que desdenhou da educação mental de um Príncipe, que á hora tragica da morte proclamou um sabio?

Agora, que já não são os reis que dictam, como Carlos Magno, as leis ao mundo, o essencial n'um soberano é que a sua alma seja pura e forte, generosa e clemente, recta e nobre: alma onde caibam congraçados o amor filial pelo seu povo e o amor paternal pelos seus subditos. Não deixe o Rei que os cortezões lhe tolham a vista e que os politicos lhe embaciem o nome. Para que possa revêr-se, confiante, no seu povo; para que o seu povo n'elle possa, orgulhoso, revêr-se!



O Infante D. Manuel com seu irmão o Príncipe D. Luiz Filispe e os seus amigos de infancia n'uma batalha de flores, no Campo Grande (CLICHÉ DE A. NOVAES)

UMA BRIOSA ALMA
D. MANUEL É O
«SPORT» UM
TEMPERAMENTO
PACIFICO DE ARTISTA
O METHODO, DOM DAS
CONSCIENCIAS ESCRUPULOSAS
UMA LIÇÃO EM SETE ES D.
MANUEL E OS ESTUDANTES

Contou ha tempos a um jornalista o sr. conselheiro Veiga Beirão que, encontrando uma manhã, no parque da Pena, sentado n'um banco, a lêr, o Infante D. Ma-

nuel — quando não longe do seu retiro solitario se jogava uma alegre partida de tennis — se lhe dirigira surprehendido.

— Então V. Alteza, com uma manha tão linda, aqui sósinho, a lê?

E D. Manuel, que se erguera respeitoso e de chapéu na mão diante do conselheiro de Estado, responde:

— E' preciso desmentir a lenda que accusa os Infantes de Portugal de serem pouco illustrados...

A melancolica ironia d'esta resposta não disfarça nem attenua a belleza moral da briosa alma que revela no adolescente meditativo — um quasi nada taciturno talvez — para quem os livros eram um entretenimento e cujo temperamento artistico se comprazia mais nos exercicios espirituaes, que fortalecem o caracter, do que nos exercicios phisicos, que desenvolvem os musculos. O sport inte-

concerto interessa-va-o mais do que uma caçada. Era-lhe mais agradável interpretar Beethoven do que atirar aos gamos. A sua vehemencia impulsiva era, sobretudo, de ordem cerebral. Um corpo calmo sustendo uma cabeça ardente e imaginativo. Toda a seiva lhe circulava no espirito, como toda a belleza de certas plantas se absorve e concentra na flôr. Dos Braganças tinha a disposição musical peculiar á familia — todos mais ou menos musicos ou apaixonados pela musica desde D. João IV, — dos Orleans herdára a rectidão de caracter, o gosto pelas letras e a delicadeza moral — virtudes que fizeram do conde de Paris um pretendente malogrado, — dos Saboyas viera-lhe o culto romantico do dever, essa «magestade da alma», tão caracterizada nos reis Carlos Alberto e Amadeu. Por certo, essa compleição delicada, sensibillissima, contraria á violen-



Um aspecto do rendez-vous de caça em Cascaes no outomno de 1906

de uma botida á raposa, organizada (CLICHÉ DE JOSÉ M. BRAAMCAMP)

ressava-o mediocrementemente. Praticava-o apenas como um dever de hygiene, sem entusiasmo, mas com o zelo escrupuloso que punha em tudo: reflexo do seu caracter obstinado. Desde criança que montava a cavallo; aos dez annos, n'umas *tourinhas*, em Cintra, figurára de neto, trajado á seculo XVII, com um cabeção de rendas de Inglaterra sobre o pelote de setim preto e o feltro de plumas de um principesinho de Van Dyck.

Mas faltava-lhe — como a D. Pedro V — esse culto ardente da cavallaria, que encheu de cocares de plumas os picadeiros reaes até aos principios do seculo XIX. De seu Pae não herdára a predilecção pelos exercicios de força e de dextreza. Nunca seria, como seu Irmão, um *chasseur* habilissimo, nem como seu Pae um atirador inimitavel. Um

cia, não era isenta dos attributos viris da coragem. Descendente de uma prole millenaria de valentes, que jogavam as armas desde a juventude com a mesma assiduidade com que os janotas do *Turf* jogam o bridge, nas fibras do seu coração não existia a do medo. Como Carlos Alberto, seria capaz de expôr durante um dia inteiro o corpo ás balas na jornada dramatica de Novara; como seu avô o conde de Paris e seu tio o duque de Chartres, arriscaria a vida, n'um impulso sentimental e romanesco, pelo triumpho de guerras onde se jogava a libertação do escravo e a libertação de um povo. Mas, com o ser capaz de sacrificios que dignificam o homem, não impede que lhe escasseasse desde a primeira mocidade a *vis* combativa, tão avessa ao espirito das sociedades contemporaneas, e que, sem

excluir a marcialidade, já faltára ao rei Luiz Filippe — marechal de campo e tenente general do exercito de França aos 20 annos, que se bateu heroicamente em Valmy, em Jemmapes e Neerwinde e preferiu resignar um throno a conserval-o pelo preço de algumas mortes.

Esse temperamento pacifico de artista teve, porém, sempre, a corrigil-o, a fortaleza nervosa de uma vontade. Se lhe faltava a combatividade, por completo lhe faltava tambem a passividade. Não o arrastava a corrente como a um tronco inerte. Da Mãe virtuosissima herdára o caracter forte e os habitos methodicos da educação ingleza. A sua mesa de estudo era um modelo de ordem. Elle mesmo, ao findar as lições, a arrumava. O methodo é o dom das consciencias escrupulosas. Ninguém mais do que elle o era.

Uma tarde, em Seteaeas, a fina

ção frivola que o futuro historiador de Villa Viçosa exercitaria a sua penna, se, como seu tio avô D. Pedro V, e como seu avô o conde de Paris, embora a coberto do anonymato, viesse a honrar a imprensa do seu paiz com os seus escriptos.

Na phrase explicita do sr. Ferreira do Amaral, D. Manuel tem «a paixão das cousas serias.»

O sybaritismo — essa doença moral dos principes e que tão mortalmente attingiu as aristocracias depois que a evolução historica supprimiu a sua função guerreira, não lhe enfezou o caracter, mercê talvez da educação severa e casta em que a sollicita virtude materna o creou desde o berço. Essa gravidade precoce, que tão providencialmente o preparou para as responsabilidades eminentes da realza n'um paiz devastado pelo superficialismo, por tal forma o



Outro aspecto do rendez-vous de caça em Cascaes no outomno de 1906

de uma batida à raposa, organizada (CLICHÉ DE JOSÉ M. BRAACAMP)

floer da villegiatura elegante de Cintra divertiu-se em informar erradamente o reporter de um jornal de Lisboa na indicação dos nomes das pessoas presentes. O Infante indagou por que tanto se riam as senhoras, e quando lhe contaram a partida, reprovou-a. «A' manhã, no jornal, podem accusal-o de falta de zelo no cumprimento dos seus deveres.» E mandando chamar o jornalista, explicou-lhe que as senhoras, sem medirem o alcance do prejuizo que podiam causar-lhe, o tinham informado menos exactamente. Elle mesmo, então, dictou os nomes, redigiu a noticia, substituindo ás citações erradas a informação rigorosa. Pode dizer-se que, n'esse dia, o Infante D. Manuel collaborou no *carpet-mondain* de um jornal de Lisboa...

Não era, porém, n'essa se-

distinguuiu sempre na côrte amavel do Rei seu pae, que alguém lhe chamou «a formiga entre as cigarras.»

Como D. Pedro V, desde a infancia que o Infante se comprazia na convivencia da gente edosa. N'um baile que a D. Luiz Filippe e a D. Manuel offereceu, ha annos, na Ajuda, S. M. a Rainha D. Maria Pia, á mesa da ceia do Infante — em contraste com a mesa do Principe Real, toda florida de mocidade — sentaram-se, a seu convite, as damas da côrte. Em volta de D. Manuel alvejavam cabellos brancos. Em redor de D. Luiz Filippe scintillavam cabellos louros. A uma mesa presidia a alegria da juventude; á outra as cerimoniaes da etiqueta.

N'uma côrte onde o Soberano pedia por fa-



Antonio Martins
meistre
d'armas de El-Rei
D. Manuel
(CLICHÉ DE BOISDAN)

sabendo o Infante o que os trouxera á Pena, logo se offereceu para mandar o memorial pelo Principe Real — que ia encontrar-se em Mafra com El-Rei.

— Escusam de voltar. Não se incomodem. O mano entrega-o. Podem ficar tranquilos...

E de facto, d'ahi a horas, contra todas as praxes, D. Luiz Filippe era o portador da petição.

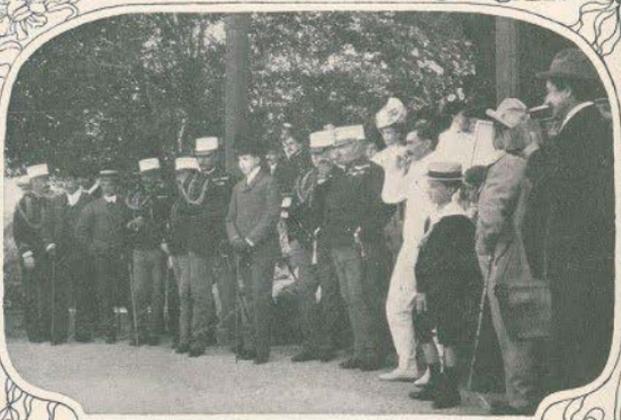
Esta simples bondade, esta

vor um copo d'agua aos seus creados e onde reinou sempre a urbanidade, D. Manuel, como seu irmão, esquecia a sua hierarchia para apauhar do tapete o lenço que caía a uma senhora, e, desobedecendo á pragmatica, nunca nenhum d'elles passou como Principe adiante de uma dama. Estes filhos de Reis professavam o culto esmerado das boas maneiras e reviviam todos os primores d'essa gentileza que principiou em França com as venias de Luiz XIV e sobreviveu ás ruínas da Revolução.

Um dia, em Cintra, uma commissão de estudantes procurou o conde de Arnoso para apresentar a El-Rei uma petição. El-Rei partira, porém, n'essa manhã, com o seu secretario, para Mafra, e já os estudantes retiravam desapontados, quando no parque encontraram o Infante D. Manuel. Acercaram-se, e

despretençiosa cortezia e este generoso interesse, que tanto deviam approximar da sympathia do povo os dois Príncipes, constituíam n'elles predicados naturaes, desenvolvidos e estimulados perseverantemente pelo exemplo de uma Rainha em cujo lar se crearam homens da tempera do intrepido e desventurado Henrique d'Orléans, cuja morte em holocausto da sciencia e da patria constituiu, no dizer de um jornalista inglez, a replica victoriosa dos aristocratas ao exclusivismo orgulhoso das democracias.

Rememorar os feitos d'esse grande Principe errante, d'esse poeta da sciencia, succumbido de trabalhos e de febres na flor da vida, a quem cabe, na historia das explorações geographicas, a honra de haver, primeiro entre todos, emprehendido a escalada do Thibet e tentado devassar os mysterios de Lhassa, é entrar mais intimamente na biographia moral de D. Manuel pela analyse dos elementos hereditarios que concorrem na formação do seu caracter. E isto nos parece sobretudo conveniente para dissipar o mal-entendido que attribue aos principes a incapacidade de se integrem na vida moderna como effectivas utilidades sociaes, e para demonstrar quanto vale ainda hoje, á luz do livre exame e da sciencia, essa herança do sangue, contra cujos privilegios naturaes injustamente se insurgiu a democracia, que por sua vez está na dependencia da mesma immutavel lei da natureza. Foram as grandes qualidades moraes, reveladas em serviço da patria e em valorosos feitos, que crearam as aristocracias. Hoje ainda, essa selecção continúa e todos os dias, nas sociedades democraticas, a intelligencia humana conquista privilegios que não se differenciam dos da antiga nobreza senão pelo criterio diverso applicado á natureza dos seus actos nas suas relações com a humanidade. E' pois sob este exclusivo criterio que analysaremos um dos ramos da arvore genealogica do actual Rei de Portugal, resumindo-o ao esbracejar do seculo



D. Manuel, com seu irmão o Principe D. Luiz Filippe e seu pae El-Rei D. Carlos, assistindo na Tapada da Ajuda a um torneio de esgrima—(CLICHÉ DE A. NOVAES)

XIX, quando já elle se desenvolve na atmosphera de liberdade, que radicalmente modificou a condição das sociedades humanas.

Poderíamos, se não fôra o receio de ampliar demasiadamente este desprezencioso estudo, estender aos tres ramos—Bragança, Saboya e Orléans—o mesmo exame, de onde resultaria a glorificadora conclusão de que D. Manuel, perante um paiz que tão comminatoriamente está reclamando liberdades, é o descendente de tres principes que á Liberdade sacrificaram—um, a vida, os dois outros o throno. Philippe d'Orléans morre victima d'essa Liberdade a que immolou, com crueza inexoravel, todas as tradições de familia; D. Pedro IV morre simples duque de Bragança concedendo a dois povos o regimen liberal; Carlos Alberto renuncia

a corôa, depois de Novara, em beneficio de seu filho Victor Manuel, para não retardar o triumpho da independenciainaliana. Seria facil, com essa ascendencia assignalada, compôr o elogio de uma arvore de costado, cujas raizes estrangulam como liames o absolutismo e cujas frondes vergam ao peso dos fructos da Liberdade. De entre os tres ramos familiares escolhemos entretanto o que, menos favorecido pelo destino, se desenvolveu na quasi obscuridade dos exilios e só, durante dezoito annos, no espaço de um seculo, viu desabrochar os seus lyrios heraldicos ao sol da realza.

OS ORLÉANS DE LUÍZ FILIPPE AO CONDE DE PARIS O MELHOR DOS REIS UMA FAMILIA QUE NO DECURSO DE UM SEculo SÓ PRODUZIU HOMENS DE BEM E MULHERES EXEMPLARES OS ORLÉANS ARTISTAS E HOMENS DE LETRAS UMA ESTIRPE DE PRINCIPES QUE HONRAM A HUMANIDADE

Teve Luiz José Filipppe, duque d'Orléans, casado com Luiza Maria Adelaide de Bourbon, filha do duque de Ponthièvre, ultimo representante da descendencia de Luiz XIV e de Madame de Montspan, quatro filhos:

O duque de Valois, que subiu em 1830 ao throno de França com o nome de Luiz Filipppe.

O duque de Montpensier, morto aos 32 annos em Salthill (1807).

O duque de Beaujolais, morto aos 28 annos em Malta (1808).

A princeza Adelaide, morta em dezembro de 1847, e cuja piedade angelica, feita de coragem, de resignação, de inalteravel doçura e de desprendimento sincero pela grandeza e pelo fausto, parece ter ficado como modelo das mulheres admiraveis que durante o seculo XIX honraram a casa de Orléans com as suas virtudes.

Luiz Filipppe,

successivamente duque de Valois, de Chartres, d'Orléans, e mais tarde rei constitucional de França, descendente, tanto pelo ramo legitimo como pelo ramo legitimado, do tronco secular dos Capetos, contando entre os antepassados Henrique IV e S. Luiz, nasceu no Palais Royal, a 6 de outubro de 1773.

Educado, como seus irmãos, por Madame de Genlis, segundo os preceitos de Rousseau, dir-se-hia que a famosa preceptora adivinhara as provações que deviam perseguir-o, n'um impiedoso encarnicamento do destino. Aos 8 annos, Ma-

dame de Genlis descreveo nas suas Memorias com estas sobrias linhas, que tão singularmente poderiam applicar-se ao Infante D. Manuel: *«il avait un bon sens naturel qui dès le premier jour me frappá; il aimait la raison comme tous les autres enfants aiment les contes frivoles; dès qu'on la lui présentait à propos et avec clarté, il l'écoulait avec intérêt.»* Essa creança grave e apprehensiva absorve uma instrucção vastissima, de uma complexidade defeituosa pelo excesso, e aprende um officio: a marcenaria, e uma arte: a cirurgia. Inspirada nas maximas do philosopho de Genebra, a educadora inventa para o joven principe uma série



D. Manuel acompanhado, ao lado de seu tio o Infante D. Afonso, a procissão de Ramos, que todos os annos se faz na capella do baço das Necessidades (GLICHE DE RESOLIEU).



REI LUIZ FILIPPE



RAINHA MARIA AMELIA



DUQUE D'ORLEANS



DUQUEZA D'ORLEANS



DUQUEZA DE MONTPENSIER



DUQUE DE MONTPENSIER



CONDE DE PARIS



CONDESSA DE PARIS



D: AMELIA RAINHA DE PORTUGAL

ARVORE DE
COSTADO
D'EL REI
D: MANUEL
LINHA MATERNA
ORLEANS



D: MANUEL II REI DE PORTUGAL



D. PEDRO IV REI DE PORTUGAL E IMPERADOR DO BRAZIL



CARLOS ALBERTO REI DE SARDENHA



D. MARIA II RAINHA DE PORTUGAL



D. FERNAO DE SAXE-COBURGO-GOTHA



VICTOR MANUEL II REI DE ITALIA



RAINHA ADELAIDE



D. LUIZ I REI DE PORTUGAL



D. MARIA PIA DE SABOYA RAINHA DE PORTUGAL



D. CARLOS I REI DE PORTUGAL



D. MANUEL II

ARVORE DE
 COSTADO
 D'EL REI
 D. MANUEL
 LINHA PATERNA
 BRAGANÇAS

de exercicios physicos, que tanto lhe avigoram o corpo como fortalecem a alma. Fal-o caminhar com sapatos de chumbo, obriga-o a dormir n'um leito de taboas, apenas coberto com uma esteira, a arrostar contra as intemperies e as soalheiras, a acostumar-se á fadiga, ao jejum e ás longas caminhadas. E' essa educação que lhe permittirá, mais tarde, servir heroicamente nos exercitos da Republica, sem que seja, por indole, um soldado; que tão admiravelmente preparará a sua consciencia para aproveitar as lições da Revolução; e tornará possivel a esse principe o ser professor de geographia no pensionato de Reichenau, sem nunca abdicar do orgulho moral da sua estirpe. O espirito e o caracter do rei Luiz Filipe—o mais probo e liberal dos reis!—offerecem mesmo ao exame do historiador esse singular contraste. N'elle se encontram, sob as apparencias modestas de um homem simples, todos os orgulhos de um principe e muitas das inclinações de um revolucionario. Tanto no principio como no fim do seu reinado, tendo que decidir-se entre ho-

sacrificando, por cortezanismo, os principios austeros da sua consciencia. Surdo a todas as intrigas da côrte, nunca a influencia de um valido logrou corromper as suas intenções. Sobre os seus lyrios reaes nunca zumbiram as abelhas palatinas. Como verdadeiro rei constitucional, conviveu sempre mais com os politicos que com os cortezãos. Educado nos principios de Larochefoucault-Liancourt, Luiz Filipe sentiu sempre uma repugnancia invencivel pela violencia e pela guerra. Um dos episodios da batalha de Jemmapes causára-lhe uma impressão profunda e duradoura. Sob as suas ordens, uma bateria dizimára, a seus olhos, dois regimentos prussianos. O horror d'esse espectaculo nunca se lhe desvanecera da memoria. Assim, Thiers accusa-o de haver sido um inflexivel partidario da paz, a todo o preço. Entretanto, este rei pacifico, este rei liberalissimo, este chefe de familia exemplar, este patriarcha affavel e bondoso, soffreu tres exilios, seis tentativas de regicidio, e morreu, triste e amargurado, longe d'essa França que elle tanto ama-



Rainha Maria Amelia de França
nasceu em 1782 e morreu em 1866



Rei Luiz Filipe de França
nasceu em 1773 e morreu em 1850

mens influentes, dos quaes, uns eram resolutamente monarchicos e os outros declaradamente democratas, a sua sympathia deu sempre a preferencia aos ultimos. Em 1830, Luiz Filipe sentia-se mais impellido para Lafitte que para Casimiro Périer. Mais tarde, se Guizot conseguira conquistar a sua estima official, ninguém ignorava que o seu fracço era por Thiers. Perseverante, Luiz Filipe nunca deixou de ser como soberano o que sempre fôra como principe: humano, liberal, patriota e quasi republicano, como quem pertencera, na mocidade, ao club dos Jacobinos. As portas do seu palacio, durante o reinado de Luiz XVIII e Carlos X, estiveram sempre abertas aos politicos da opposição. Em todos os debates, o duque de Orléans creava-se publicamente, sem reboço e resguardo, uma attitude opposta ás reacções da corôa. De uma lealdade á antiga, os seus sentimentos pela familia real eram sinceros, affectuosos e dedicados, mas nunca quiz passar por partidario de medidas que desapprovava, não lhes

va! O seu maior defeito, como rei, foi o seu desdem republicano pela gloria. «*Quel malheur qu'il n'aimât pas la gloire!*» — exclamava um dia um dos seus ministros. Mas se lhe faltava o amor pela gloria, tinha o mais fervoroso culto de amor pela humanidade. Uma noite, o conde de Montelivet entrou, sem ser annuciado, no gabinete do rei. Luiz Filipe estava inclinado sobre um caderno, a escrever. Pensou o visitante que o soberano se entretinha a narrar a historia agitada do seu reinado. «*Meu Deus, não!* — diz-lhe o rei. Encontraes-me occupado em trabalho bem mais triste. Sobre este caderno registro os nomes dos criminosos condemnados á pena de morte e que o meu direito de graça não pode proteger contra os dictames da minha consciencia ou as decisões dos meus ministros. Cada vez que a minha prerogativa deixa á justiça o passo livre, sinto a necessidade de me justificar perante os meus proprios olhos. D'ahi, esta ultima e dolorosa prova a que submetto a minha alma.

Quero que meus filhos saibam o respeito que sempre tive, o respeito que sempre devem ter pela vida humana...» Foi este supersticioso escrupulo e o seu horror ao sangue que levaram Luiz Filippe, padrinho do rei D. Luiz de Portugal e terceiro avô do rei D. Manuel, a abdicar, preferindo um exilio orvalhado de lagrimas a um throno salpicado de sangue.

Do seu casamento com a virtuosissima Maria Amelia de Bourbon, filha do rei Fer-

nando das Duas Sicilias e da rainha Maria Carolina, teve Luiz Filippe os seguintes filhos, que tão nobremente perpetuaram a sua memoria:

Fernando, duque d'Orléans.

Luiza, rainha da Belgica.

Maria, duquesa de Wurtembergue.

Luiz, duque de Nemours.

Clementina, princesa de Saxe Coburgo Gotha.

Francisco, principe de Joinville.

Henrique, duque d'Aumale.

Antonio, duque de Montpensier.

Deante d'esta prole numerosa, o biographo, tanto como o historiador, tem de reconhecer, com commovida admiração, a superioridade moral da familia de Luiz Filippe. Os proprios casamentos consanguineos, que vão ligar os dois filhos do duque d'Orléans, avô de S. M. a rainha D. Amelia, com as filhas de seus tios o duque de Montpensier e o principe de Joinville, não conseguem perturbar a grandeza de uma raça que, no decurso de um seculo, só produziu homens de bem e mulheres exemplares. Não são os Orléans d'essa natureza fraca, immoral e sybarita, que de preferencia mereceu sempre o

culto hypocrita dos cortezaos. Por isso mesmo, nós que não somos cortezaos, que nada queremos do Paço, que nunca vivemos dos favores da Corôa, que nunca prejudicamos os reis com as nossas intrigas nem nunca os lisongeamos com o nosso servilismo, sentimos uma rara consolação ao poder, sem sophisma e mentira, traçar os breves retratos d'esta pleiade de homens de caracter e de mulheres de honra, cujo sangue, para nosso bem, a esposa

de D. Carlos trouxe a El-Rei D. Manuel.

Nadescendencia de Luiz Filippe um phenomeno logo se observa: a herança da mesma virtude integra, da mesma intelligencia culta, da mesma subordinação ao criterio progressivo da vida moderna.

Um dia em que Luiz XV, então com dez annos de idade, olhava a multidão de uma janella de Versailles, conta-se que o marechal de Villeroi lhe dissera: «*Vêde, meu senhor, todo esse povo é vossos!*» A educação que Luiz Filippe deu a seus filhos foi orientada por bem diversos principios. «*E' necessario educar os principes como se o não fossem*»

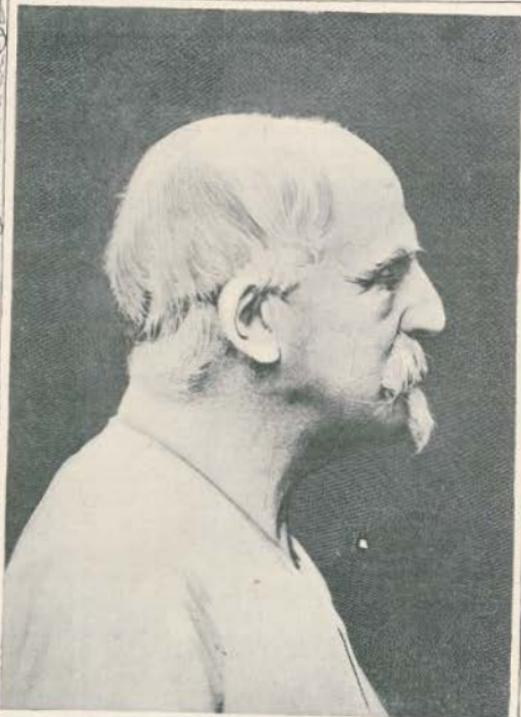
— eis a sua maxima. Assim, todos elles se sentaram modestamente nos bancos de um lycee. Nas escolas não lhes ensinaram que os companheiros de aula eram a propriedade da soberania do soberano.

«*Vós conhecestes a egualdade no collegio*», poderá dizer mais tarde ao duque d'Aumale, na resposta ao seu discurso de recepção na Academia Franceza, um dos seus antigos professores: Cuvillier Fleury. Um dia, um dos filhos de Luiz Filippe falta ás aulas. O rei é



*Luiz Filippe na batalha de Jemmapes
(16 de Novembro de 1792)*

Sem ter a alma de um soldado, Luiz Filippe revelou nos combates a intrepidez fidalga da familia. Na batalha de Jemmapes, Dumouriez, que mandava, distribuiu-lhe o ataque do centro, que o joven duque de Chartres investiu com impeto heroico, decidindo da sorte da batalha.



O Duque d'Aumale, socio da Academia
Françesa, general de divisão e Gran-Cruz
da Legião de Honra, tio-avô de S. M.
a Rainha D. Amelia (1896)

o primeiro a justificar, junto dos professores, a ausência do alumno. O que pensaria d'essa conducta o marechal de Ville-roi? Tal era essa realza democratica, que 1848 destruiu. Mantinha a instituição monarchica, o principio tutelar a cujo abrigo a França prosperára durante seculos. Mas rejuvenescera-o, modernisára-o, adaptando-o ás exigencias do espirito contemporaneo. Nos filhos de Luiz Philippe, que herdaram e desenvolveram as inclinações litterarias de seu pae, surge, porém, accentuadissimo, o espirito militar que faltava ao soldado de Valmy. «*Son, antes de tudo, soldado*» — dizia o duque d'Aumale. De facto, n'elle como em seus irmãos, parecia reviver o sangue de Henrique IV. No combate de Affrun, na Algeria, o juvenil duque d'Orléans manda o irmão mais novo levar a ordem de carregar a um esquadrão de caçadores. O duque d'Aumale, então com dezoito annos, exorbita das ordens do commandante e arremessa-se elle proprio contra os arabes, á frente do esquadrão de cavallaria. De regresso a Paris, dispararam contra elle um tiro de pistola. Essa tentativa de assassinio inspira-lhe apenas esta phrase alegre: *Saudaram-*

me com um tiro á minha chegada a Paris. Não me lastimo. Ninguém se decide a matar senão aquelles que d'isso valem a pena.» A ociosidade da côrte exaspera-o. A conquista da Algeria está ainda longe de poder considerar-se uma realidade. Todos os dias os exercitos de França eram dizimados pelos cavalleiros indomaveis de Abd-el-Kader.

Chefe religioso e nacional, engrandecido por um prestigio justificado pela sua fé, pela sua bravura e pelos seus talentos militares, o emir oppunha ao general Bugeaud uma estratégia que o desconcertava, não tanto pela audacia como pela rapidez prodigiosa das evoluções. Com a sua Smala — especie de cidade nomada, composta de centenas de tendas e com a qual transportava a sua jurisdição e as suas riquezas — elle tornára-se o terror dos invasores e a esperança dos musulmanos. Então, singelamente, heroicamente, como quem vae para uma partida de caça, o duque d'Aumale resolve — príncipe contra príncipe — ir conquistar a smala do Emir. A frente de um pequeno exercito, interna-se resolutamente no deserto. Ao sexto dia de marcha, pela manhã, os cavalleiros arabes da vanguarda arripiam caminho, regressam á columna a todo o galope, gritando esvaporidos:

dos: «*A Smala! A Smala!*» O duque d'Aumale, entre o panico, sorri, com o sorriso legendario de Bayard. «*E' indispensavel a artilharia!*» — afirma um official. Mas a artilharia está longe, a columna dividida em tres fracções, afastadas alguns kilometros umas das outras. Em volta do chefe estão apenas os esquadrões de cavallaria: quinhentos homens so todo. «*Senhor, diz o coronel Jusuf, é horroroso, mas não ha meio de recuar.*»

— *Coronel,* responde o duque, *não sou de uma raça habituada a recuar.*

E desembainhando a espada, o heroe de vinte annos manda carregar com quinhentos sabres sobre cinco mil espingardas!

Quatro annos mais tarde, o duque d'Aumale é nomeado governador geral da Algeria e prepara-se para investir contra o massico montanhoso da kabyla quando rebenta a revolução de 24 de fevereiro de 1848. Chefe idolatrado de um exercito de veteranos, afeitos á guerra, pensou a Europa que o duque investiria a França, como um campeão, com os seus 50-000 soldados, para repór no throno o velho rei seu pae. Enganou-se a Europa. Educado no respeito pela lei e no culto do dever, o duque submette-se á vontade nacio-



*Duque de Orléans, filho primogenito
do Rei Luiz Filippe, avô
de S. M. a Rainha D. Amelia
(retrato de Ingres)*

nal, depõe a sua espada gloriosa e despe-se dos seus soldados, exortando-os a honrar a patria que o bania, n'uma proclamação que Lamartine considerou *«digna da primeira Republica, onde o homem desaparecia diante da patria.»* No proprio dia em que Luiz Filippe, deposto, desembarcava na Inglaterra, o duque d'Aumale com o principe de Joinville saiam d'Alger, a caminho de Gibraltar. Luiz Filippe approvára plenamente a conducta dos filhos, contente por vêr que a rectidão e a bondade dominavam as suas naturezas bellissimas. Todos, n'essa familia admiravel, estavam de accordo. Todos, unanimemente, tinham despresado os conselhos dos cortezaos, que pregavam nas Tulheras a resistencia. *«Pode-se ser grande no exilio como no throno»*, dizia Luiz Filippe a seus filhos com os olhos embaciados de lagrimas... Então começa para os Orléans uma era nova. Em Twickenham, o duque d'Aumale organisa uma bibliotheca e um museu de bellas-artes—que mais tarde legaria á França, n'um rasgo sublime de generosidade. O homem de letras e o artista revelam-se no soldado heroico, cuja espada tanto refulgira em serviço da

patria. Absorve-o uma febre intensa de trabalho e principia a historia monumental dos Príncipes de Condé. Em Sevilha, o duque de Montpensier transforma o palacio de S. Telmo, que sua cunhada, a rainha Izabel, lhe doára, n'um museu esplendido da pintura hespanhola. Em Claremont, Luiz Filippe compraz-se no convívio de escriptores e de artistas e entretém-se a compôr para Halévy o libretto de uma opera extrahido do *Henrique VIII*, de Shakespeare, por quem o velho e infeliz soberano tinha o mesmo culto de admiração que seu afilhado o rei D. Luiz de Portugal. Essa familia real não é mais que uma familia de homens de letras e de artistas. Quando se cala o tinir das suas espadas ouve-se o rumor das suas pennas laboriosas. E nem um desfallecimento, nem uma quebra n'essa perfectibilidade de caracter que tão grandiosamente ennobrece a familia proscripta! Esses homens fortes e essas mulheres virtuosas inspiram a um republicano esta exclamação irreprimivel: *«Proscriptos, os Orléans são os representantes, no estrangeiro, da honra da França!»*

Essa representação não acabou com os filhos de Luiz Filippe. Os netos continuaram-na, os bisnetos mantiveram-na. Seria alongar demasiadamente este capitulo incidental, mas tão necessario para a comprehensão da «herança moral» de D. Manuel, o seguir passo a passo a descendencia dos filhos do ultimo rei de França. Temos por isso que restringir-nos ao exame da familia do primogenito, o duque d'Orléans, pae do conde de Paris, avô da rainha D. Amelia e cujo bisneto preside actualmente aos destinos da nação portugueza.

Verifica-se na familia Orléans o ininterrupto desenvolvimento d'esse espirito democratico, não isento de nobreza, com que vem acompanhando os progressos sociaes da humanidade, mantendo intactos, em face da civilisação, os seus privilegios de raça, n'uma justificação incontestavel de valoroso heroismo e de exemplares virtudes.

C. MALHEIRO DIAS.

(Continúa)



ARTES E LETRAS



*P. Anna de Castro
Osório*

Acaba de publicar um livro de contos *Quatro Novellas*, onde se afirma o talento dramático de uma escriptora já distincta. Apenas se n'esta obra vigorosa o sentimento e certas notas subteis de analyse revelam a penna femilil que a escreveu.



*D. Maria d'Éza
O'Neill*

Prelaciado por Bulhão Pato e Sousa Monteiro—*excusez du peu!*— o volume de versos *Nimbos*, assignado por esta senhora illustre, merece considerar-se como uma das mais altas afirmações de talento artistico da mulher portugueza. A sua arte erudita parece ter saudades da pleiada archaica da Paula Vicente e da Sigea.



*D. Magdalena Fron-
dou Lacombe*

Auctora da *plaqueette* escripta em versos francezes com o titulo *Une visite au Pantheon*, dedicados a Sua Magestade El-Rei D. Manuel e a Sua Magestade a Rainha Senhora D. Amelia e que constituem mais uma revelação das variadas faculdades de que dispõe a auctora.



*Fausto Guedes Tei-
xeira*

O grande poeta lyrico, principe do Sentimento, acaba de compendiar no *Meu Livro* a melhor parte do longo poema de amor que é a sua obra admiravel. Nunca a poesia subjectiva fez vibrar notas mais suaves em amorosos hymnos e em apaxtonadas elegias.



Bento Mantua

Auctor da *Má Sina*, drama em 3 actos, representado no Theatro D. Maria II, e que, pela vehemencia do dialogo e pelo vigor incisivo da accção, o collocou com destaque iniludivel na primeira fila dos dramaturgos da sua geração.



*Alberto de Souza
Costa*

O auctor do *Fruco Prohibido* é desde hoje um grande romancista, com quem póde contar a litteratura portugueza, tão pobre de novellistas. O seu romance, sobre ser uma das mais pittorescas paginas litterarias que Coimbra tem inspirado, é, pela intensidade passional e pela originalidade audaciosa, uma das mais empolgantes historias de amor que se tem escripto na nossa lingua.



Alexandre Malheiro

Auctor do romance *A Fidalguinha da Lezanda*, que a critica comparou pelo descriptivo minucioso da vida rural e pela limpida singelleza do estylo ás novellas de Julio Diniz. N'este livro, onde realmente se afirma um romancista, o auctor estuda com singular competencia e penetrantes faculdades de analyse, o meio militar da provincia.



Hemeleio Arantes

Distinctissimo homem de letras, que no salão Lambertini tem feito uma serie de conferencias sobre litteratura portugueza, destinadas a um grupo de senhoras da nossa melhor sociedade, e que constituiram não só um brilhante exito litterario como um grande successo mundano.

UMA GRANDE MANIFESTAÇÃO MONARCHICA OS PORTUENSES EM LISBOA



Saindo da estação pelo lado do Carmo — Portuenses no Paço;
—Manifestações á porta da estação no largo de Camões



*No Chiado: passando ao Club Tauromachico
—Manifestantes do Porto. El-Rei, á janella, dá um viva á cidade do Porto*



Portuenses saindo do Paço

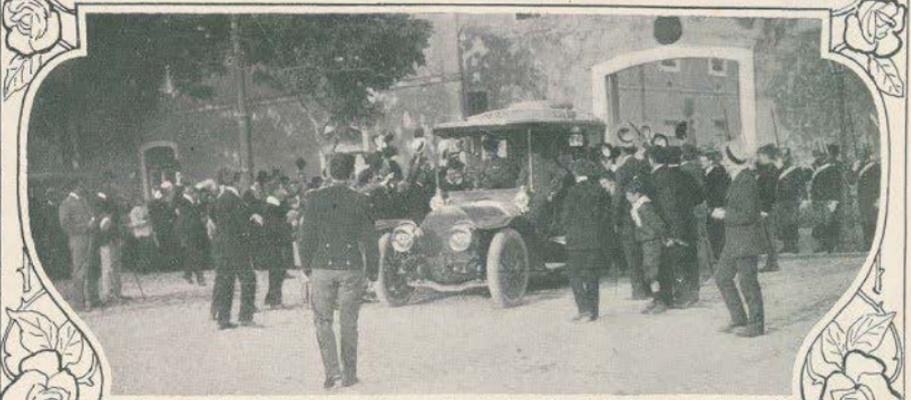
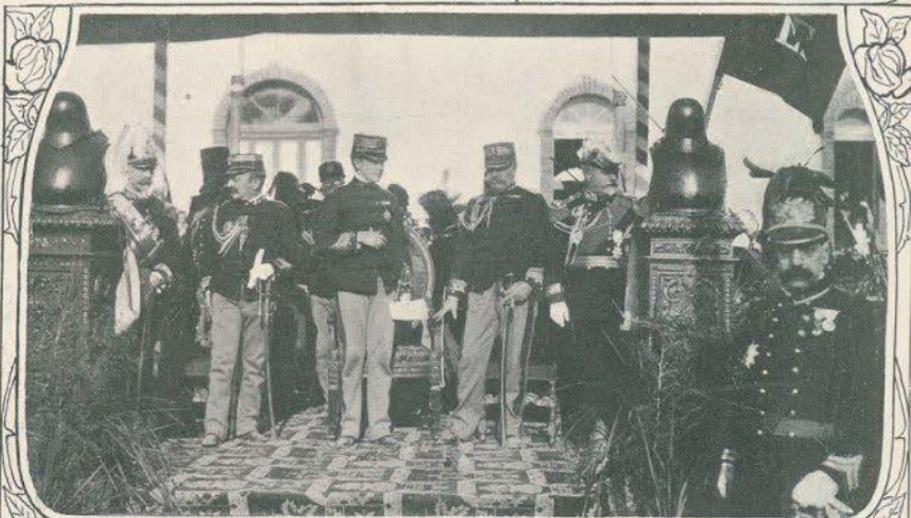
(CLICHÉS DE BENOLIEL).

A FESTA NA ESCOLA DO EXERCITO

A PRIMEIRA VISITA OFFICIAL DE EL-REI

A primeira visita official do novo rei foi feita á Escola do Exercito, no dia em que se realisaram, n'aquelle estabelecimento de ensino militar, as provas de equitação, esgrima e gymnastica com que é costume, em uma especie de festa tradicional, a que concorrem sempre as familias dos respectivos alumnos, encerrar-se em cada anno o periodo lectivo.

A recepção que acolheu o senhor D. Manuel na Escola do Exercito foi verdadeiramente entusiastica, e, á sahida do edificio, a manifestação na rua assumiu egualmente um caracter de espontanea e grandiosa imponentia.



El-Rei com o general Pimentel Pinto e coronel Castro visitando a Escola do Exercito—El-Rei, D. Affonso, ministro da guerra, generaes Pimentel Pinto e Crazeiro Lopes na tribuna assistindo aos exercicios escolares—O povo aclamando El-Rei á sahida da Escola

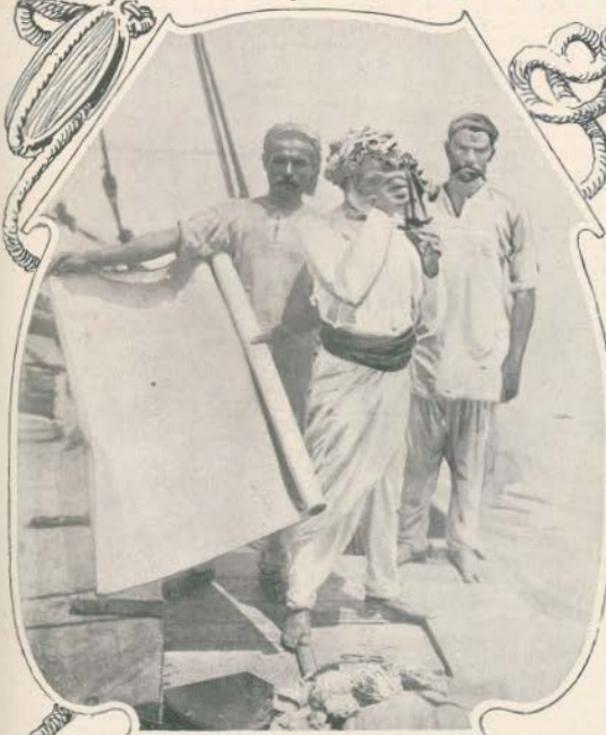


EL-REI D. MANUEL NA ESCOLA DO EXERCITO



A continência à bandeira: El-Rei e o general Pimentel Pinto, comandante da Escola—Esgrima—Os alumnos que tomaram parte nos exercicios do picadeiro—As manifestações durante os exercicios

MONÇÕES DA INDIA



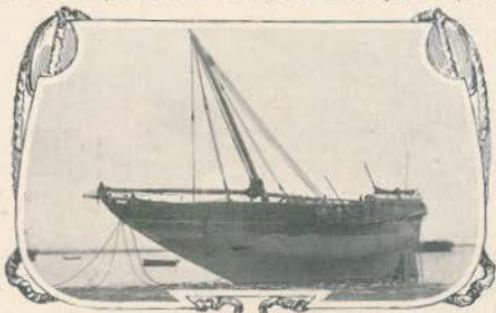
TOMANDO A ALTURA DO SOL

Mestres entre os primeiros da arte de navegar, os arabes foram tambem naturalmente, dos primeiros que usaram o astrolabio. Hoje é com a bussola e o sextante que guiam a sua navegação.

Aprenderam os mouros a navegar com os arabes, quando estes, no maior auge do seu poderio, estendiam a dominação de todas as Hespanhas até o Indo a Sir Darja; e do Cascaço ás terras africanas, habitadas pelos negros.

Os seus usos e costumes, o idioma do Koran, tudo facilitava o exódo da raça arabe a todos os paizes onde o islamismo florescia, e o continente negro offerencia vasto campo

latitude meridional, havendo Edrisi, apesar de saber isto, declarado inhabitaveis as regiões intertropicais! (Edrisi, trad. Jaubert.



VARADA PARA CONCERTO DEPOIS DE UMA VIAGEM TORMENTOSA. No tempo das monções o mar conserva-se calmo como um lago e o vento não sopra rijo. Os pangãos arabes fazem, por isso, viagens serenas e facéis. Mas, uma vez por outra, não deixa de haver refrega e os fragéis baixéis soffrem-lhe o duro embate. Chegados a porto de salvamento, torna-se, portanto, necessario realizar concertos ás vezes importantes, sendo varada a embarcação para esse fim

para a semente mahometana. O celebre viajante arabe Ben Batuta, nas suas peregrinações mundiaes, foi, n'um periodo muito anterior, muito além das regiões percorridas pelo aventureiro veneziano Marco Polo.

Foram os arabes que primeiramente deram os subsidios para a geographia, gravando n'ella, com as pontas das suas espadas conquistadoras, as regiões da China á Europa occidental, nas terras luzitanas, e toda a Africa septentrional até ao rio Niger.

Foram os mestres dos sabios europeus e os iniciadores das artes e sciencias dos mouros.

Foram elles ainda que levantaram em Bagdad, Alexandria, Shiraz, Kufa e Damasco as escolas destinadas ao ensinamento dos crentes do Alcorão.

A Europa, mercê da epocha florescente do christianismo, apodava estes homens de barbaros ou incultos.

A Africa oriental já d'elles era conhecida no seculo X, onde tinham estabelecimentos ou estações maritimas, collocados a 20° de latitude meridional, havendo Edrisi, apesar de saber isto, declarado inhabitaveis as regiões intertropicais! (Edrisi, trad. Jaubert.

Gesh der Zeitalt der Entdeck). E', porém, no seculo XIV que os musulmanos principiam a revelar os logares e os nomes africanos.

Alexandria era o escritorio de todas as riquezas vindas da India e Occidente, era o emporio colossal de um trafico estonteador.

Era, porém,

para os arabes, já pequeno e acanhado este mercado, e então alargaram os seus dominios. Bagdad tornou-se a côrte do Khalifa, o commercio marítimo do Oriente reanimou o Golfo Persico e Bassrah foi o centro mercantil com as terras eburnes da India. Da Costa de Ceylão e Malabar, navegavam para a Africa Oriental, Aden, Mombassa, Zanzibar e Moçambique e para a China os frageis baixes arabigos, carregados de gemmas, especiarias, sêdas, chá, porcelanas e almiscar, e, no retorno da Africa, levavam maticaes de ouro de Sofalla ou Ophir, bellas escravas para os harens e robustas negras para os rudes trabalhos da agricultura.

As embarcações arabigas, de que os mouros tomaram as fórmas, eram



ADEN

A velha cidade da Arabia meridional foi durante cinco seculos, do XI ao XVI, o principal entreposto do commercio do Oriente com o Occidente. Foi a descoberta do cabo da Boa Esperança que lhe fez perder essa situação. Com a abertura do istmo de Suez readquiriu, porém, uma alta importancia commercial, e é ao seu porto que vão aprovisionar-se de carvão os navios que fazem itinerario pelo mar Vermelho com destino ao Mediterraneo, ás costas da Africa, da India, do Extremo Oriente ou da Australia. Aden, que é presentemente a cidade mais populosa da Arabia, pertence desde 1839 á Inglaterra.

o unico mastro esguio e inclinado, o leme largo movido por duas cordas, a verga do mastro com dois terços para a ré e um só para vante e a vela mais comprida para traz, com uma só escôta, a ponta de prôa atada na extremidade de uma antena quasi tão grande como o mastro; a vela muito inclinada para avante, com que apontavam muito pela bolina. Por guia, as duas ursas, mais tarde o astrolabio, hoje a

bussola esextante, e sempre a fé ardente em Allah e seu propheta; assim vinham e ainda veem, durante a epocha das monções, as embarcações arabes a Moçambique. N'este periodo das monções, o mar é sereno e calmo, a brisa que sopra de nordeste cicia docemente nas enxarias, e o fragil pangaio quasi sempre



MOÇAMBIQUE

A photographia que damos apresenta um dos aspectos de Moçambique, a nossa grande cidade maritima da Africa Oriental, onde os mouros ainda hoje veem traficar nos seus velhos pangaios

feitas umas de taboas cosidas com fio de cairo (Lendas—G. Correia) e pegadas aos lianes com o mesmo cairo, outras de tabuas ligeiras com pregos delgados de grande cabeça exterior e uma interior postiga; aquellas de quilha, estas de fundo chato; umas de madeira só até á altura necessaria para a carga a conduzir, continuando para a parte superior com toldos de panno forte e embreado, revestido de esteiras; as cobertas de ola de palmeira, formando telhado com duas aguas;

chega a porto de salvamento.

Em 1498, os pilotos arabes de Moçambique levam a Mombassa e depois á India as caravellas do descobridor do caminho maritimo para a India, o nosso grande nautico Vasco da Gama, e mais seus intrepidos companheiros. Depois vieram as luctas dos conquistadores portuguezes com os mouros, e o immenso oceano e estreitos rios foram testemunhas mudos de luctas épicas entre uns e outros.

Os seus frageis bateis, apesar de os *couraçarem* de fardos de algodão e cairo, não podiam oppôr grande resistencia aos pelouros da artilharia portugueza, d'ahi a necessidade de arranjarem, em egualdade de circumstancias, uma esquadra que pudesse competir com a dos portuguezes, pelo que lhes copiaram as naus, caravellas e bergantins. Foram estes barcos os avós dos actuaes pangaioes arabes; só lhes faltam as bombardeiras, com que respondiam ás serpes dos portuguezes. Nos porões d'estas naus não se abrigam já hoje, porém, as riquezas de Malaca, os rubis e o lacre do Pegu, os estofos e telas de Bengala, o aljofre de Calicaré, os diamantes de Narsinga, a canella e as pedrarias de Ceylão, a pimenta e a gengibre; em seu logar trazem apenas o *Kalakyty* ou estranhos e heterogeneos artigos de Bombay, onde, por baixo do trade mark, se

se de fieis, agradecidos a Allah, e, todos pressurosos, correm á praia a saber novas de Porbandos ou Caxemandovy.

Abençoadas monções!

A palavra «monção», — ou «moução», conforme se dizia antes, — significa em rigor um vento particular que sopra principalmente na visinhança das costas asiaticas e das do golfo da Guiné. Os arabes, em cuja lingua ella teve a sua origem, empregavam-na para designar a estação durante a qual reinam certos ventos geraes ou alisados no mar da India, e que elles aproveitavam, desde tempos remotos, para conduziem os seus pangaioes ás costas africanas, onde iam fazer o escambo dos productos requintados de Ceilão e do Malabar



O CAPITÃO E TRIPULAÇÃO DE UM PANGAIO

Não mudou o eterno capitão mouro, de barba hirsuta, grande turbante e vestes alvas de linho, nem a tripulação, que todos os dias, após a faina diaria, rende preto e graças a Allah. A nossa photographia pôde tomar-se, por isso, como a reprodução de um quadro antigo, de ha tres ou quatro seculos

divisa a estampilha made in England, ou made in Germany.

O que, porém, não mudou, é o pavilhão encarnado dos arabes, a fluctuar bem alto na pópa altaneira dos pangaioes, a fórma de navegar, e o eterno capitão mouro, de barba hirsuta, grande turbante e vestes alvas de linho; mas, sobretudo, o que ainda se conserva igual aos tempos idos, bem viva e ardente é a suprema fé em Mahomet, a que toda a tripulação valente, diariamente, após a faina maritima, rende preto e graças; e quando demandam a barra, em terra as mesquitas enchem-

por ouro e escravos. O termo acabou por adquirir, porém, um sentido mais lato, e tanto que em Gôa chamava-se *Livro das Monções* ao que servia para fazer-se o registo da correspondencia mandada do reino pelas armadas que partiam em épocas determinadas. Nada menos de sessenta e dois volumes dos documentos conhecidos sob essa designação vieram remetidos da India e encontram-se hoje archivados na Torre do Tombo, tendo uma parte d'elles sido editada já pela Academia Real das Sciencias, parallelamente com as *Cartas de Afonso de Albuquerque*, sob a direcção

do poeta Raymundo de Bulhão Pato.

E já que falámos do grande capitão da Índia diremos que nos seus *Commentarios* se encontra mais de uma vez usada a forma *moução*, bastando agora citar como exemplo esta passagem do capítulo XV da parte primeira: «Foi-se a elle, e disse-lhe que a Moução da queellas partes

era já quasi gestada.» Modernamente o estudo da oceanographia tem tomado por toda a parte um largo desenvolvimento e representam um elevado interesse historico as escavações feitas, pelos seus cultores, em diferentes paizes, nos livros dos respectivos escriptores e viajantes antigos, que se occuparam do mar e fizeram referencias aos seus phenomenos e ás

leis que os regem. Em poucas litteraturas como na portugueza haverá, porventura, tanto que colligir sobre o assunto; mas por ora a

nova sciencia ainda não despertou qualquer trabalho serio de investigação entre nós. E contudo, como sendo dos mais illustres percursoros da oceanographia podem citar-se, além do inclito e arrojado Magalhães,—o primeiro que realiso uma sondagem no mar largo,— toda a pleiade insigne de pilotos, que nos livros valiosissimos em que registaram as suas derrotas, descrevem com singular acerto e fidelidade essas mouções da Índia, o macaréu da Guiné, e todos os variados phenomenos de ventos e correntes, que tiveram occasião de observar nas suas viagens dilatadas. Nenhum outro paiz, decerto, terá facilidade de fornecer um tão vasto capitolo historico para os livros de Mohu ou de Thoulet.

De resto, se nos pro-

pozemos um dia a revindicar a gloria de tudo quanto fomos os primeiros a ensinar ao mundo, organisando o inventario das numerosas revelações de natureza geographica, ethnographica, botanica e zoologica sobre as terras exóticas que os nossos arrojados navegadores e benemeritos missionarios percor-

reram, seria um formidavel archivo a reunir, que causaria justificado assombro, até, por tristeza, a nós proprios.

As mouções da Índia adquiriram talvez, a principio, uma personificação para a imaginação ingenua e facilmente mythificado a dos nautas portuguezes de então. O vento era, naturalmente, o principal agente da navegação á vela, e representava, por isso, um papel pre-

ponderante no espirito dos marinheiros. A mythologia symbolisára-o em Hermes, entre os deuses, e em Typhon entre os monstros.

Na epopeia homerica figuram quatro ventos: Boreas, que era o norte; Euros, que era o este; Notos, que era o sul, e Zephiro que era o oeste. Eram todos quatro commandados por Eolo e dependentes de Zeus. Mais tarde, os gregos chegaram a distinguir oito ou doze, rendendo culto aos principaes. E' de supôr, portanto, que os nossos —a quem os orientaes, habituados tambem a considerar os ventos como genios phantasticos e monstruosos, não deixariam de referir lendas sobre as famosas mouções— concorressem para augmentar o maravilhoso medieval com novas idéas mythicas desperdadas por esses alizados da costa da Arabia. De mais, a palavra com que os arabes os designavam, esse termo de *moução*, tinha, na sua novidade e na sua euphonia,



ZANZIBAR

O porto da costa occidental da ilha de Zanzibar foi sempre commoço e seguro, e não admira, portanto, que desde os mais antigos tempos o visitassem os arabes de Alexandria, como a Aden, Mombaça e Moçambique



UM FANGAIO ARABE

Os barcos arabes actuaes, que navegam até Moçambique na epoca das mouções, revestem o mais vivo interesse para a nossa archeologia naval, porque representam a evolução de um typo antigo de embarcações em que os constructores do seculo XV copiaram as nossas velhas naos e caravellas

alguma coisa de mysterioso tambem para as suas almas primitivas. As monções da India! Quem conhece as relações da palavra com o mytho, a origem philologica innegavel de alguns,

acreditará com facilidade na possibilidade d'essa mythificação a que alludimos, e de que talvez seja possivel encontrar ainda qualquer vestigio sobrevivente na epopeia da navegação portu-gueza.

E' possivel tambem que não succedesse assim, porque o espirito do arabe foi sempre me-

nos dado que o do grego á formação de imagens. Conhecia praticamente o phenomeno das monções, o seu regime descoberto por Hippalo, e sabia o partido a tirar dos respectivos ventos e correntes. Tinha, pois, uma comprehensão materialista do facto e d'esse modo o explicou a Marco Polo, como se vê no livro d'este. Os nossos não só tinham lido o navegador veneziano com escrupulosa attenção, como tinham egualmente ouvido os pilotos arabes que guiaram Vasco da Gama. Sabiam que os ventos das monções mudavam de seis em seis mezes, no verão e no inverno: a monção de sudoeste acentuando-se na costa de Gôo em maio e determinando as chuvas que vão de junho a outubro; a monção sêca, ou de ventos de terra, os terraes, que vac de novembro a maio.

A fôrma porque o geographo arabe Maçudi explicava as marés não é, na realidade, muito differente d'aquella por que os gregos explicavam

as correntes. O fluxo e o refluxo seriam simplesmente o resultado das evoluções natatorias de um anjo, que mergulhava no mar, para os lados da China, e que com o metter e retirar

alternativamente um pé na agua fazia subir ou descer o seu nivel. Para o grego toda a circulação oceanica superficial era aconsequencia singular de um sópro de Boreas. As duas concepções anthropomorphas dos dois phenomenos maritimos valem-se por egual, evidentemente, se abstrairmos da natural

superioridade symbolica da hellenica.

Nos nossos livros antigos, o certo é que se encontra uma noção bastante exacta, relativamente, das monções da India. Aproveitámos da narração de Marco Polo o que verificámos, primeiro na convivencia com os pilotos arabes, e depois no proseguimento das nossas navegações, ser real e seguro, e fixámos uma informação segura sobre o facto, e tão completa e pormenorizada que pouco terão que accrescentar-lhe, se tiverem, os viajantes e oceanographos modernos.

São estas revelações primevas, que fizemos ao mundo civilizado, n'uma época em que as sciencias não eram cultivadas e a observação da natureza se encontrava quasi completamente abandonada, que nos cumpre relembrar como testemunho do merito e do valor historico de um povo, ao qual cabe uma tão vasta e gloriosa tarefa de iniciação.

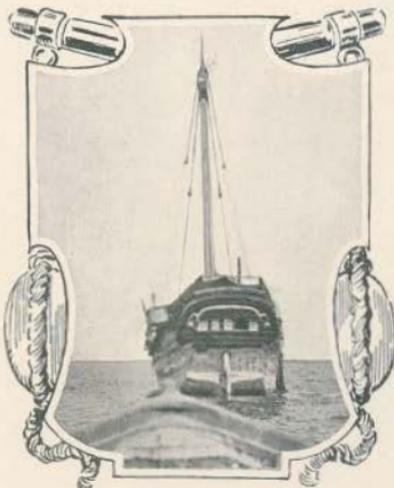
Moçambique, 1908.

CARLOS SHIRLEY
D'OLIVEIRA.



MOMBAÇA

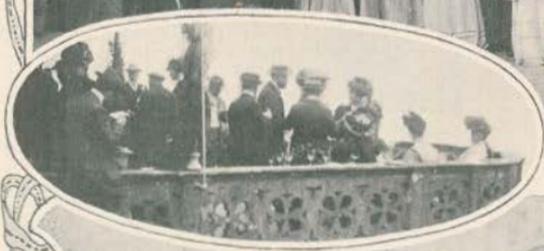
Este nome recorda ainda alguns dos mais brilhantes reflexos das nossas glorias geographicas. Era já uma grande cidade um seculo antes de Vasco da Gama visitar pela primeira vez a sua espaçosa bahia, conforme o testemunho do famoso viajante arabe Ben Batuta. Depois de tomada pelo grande capitão D. Francisco de Almeida conservamol-a na nossa posse durante mais de um seculo. Hoje Mombaca recuperou o papel importante por constituir a cabeça de linha do caminho de ferro do lago Victoria.



A POPA DE UM PANGAIO

As actuaes embarcações arabigas denunciam ainda, nas formas da antiga construcção que subsistem, a sua nobre ascendencia historica. Não lembra effectivamente, a presente popa de pangaio, uma das alterosas popas das nossas gloriosas náos da India?

A 10.ª CONFERENCIA TELEGRAPHICA
INTERNACIONAL EM LISBOA

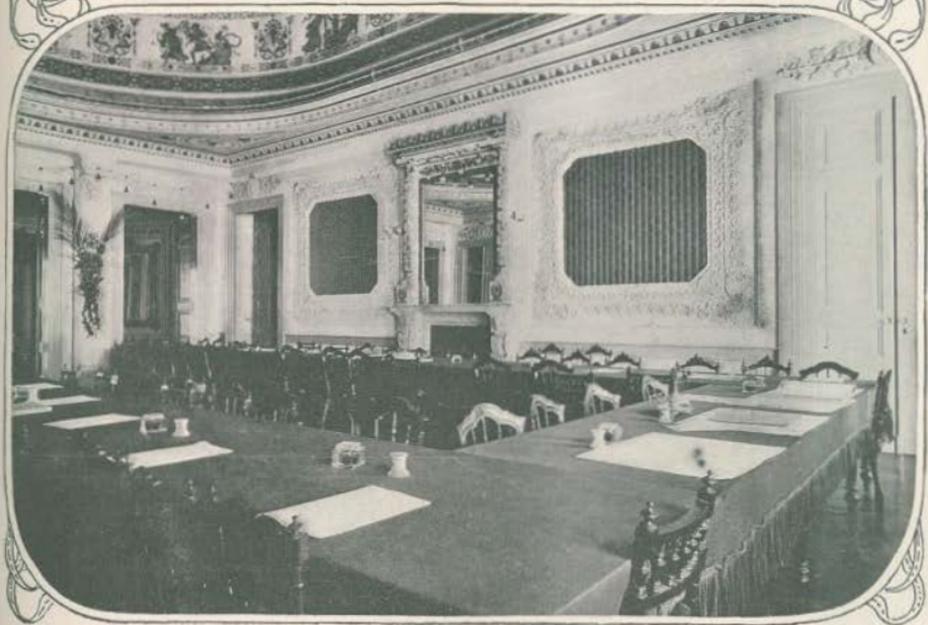


A VISITA A CINTRA

Na quinta do sr. Carvalho Monteiro.—No terraço da Pena onde se realizou o lunch.
—No castello da Pena; o sr. conde de Tarouca recebendo os congressistas — No Paço de Cintra
(CLICHÉS DE BENOLIEL).



Escada principal



Sala de trabalho



EXPOSIÇÃO DO RIO DE JANEIRO OS TRABALHOS DE JOÃO VAZ E SEUS DISCIPULOS



ENTRE os mais valiosos colaboradores da secção portugueza da exposição do Rio de Janeiro, pertence um lugar distincto ao insi-

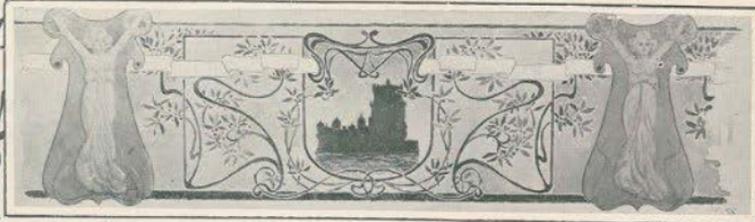
Effectivamente o illustre artista foi incumbido pela commissão organisadora de executar o projecto para a parte decorativa da nossa instalação, e n'essa conformidade foi por elle desenhado todo o mobiliario, pinturas muraes, compos-



gne pintor João Vaz, não só pela valiosa representação com que figura no grupo de bellas-artes, como ainda pelos trabalhos decorativos que foram executados sob a sua intelligente direcção.

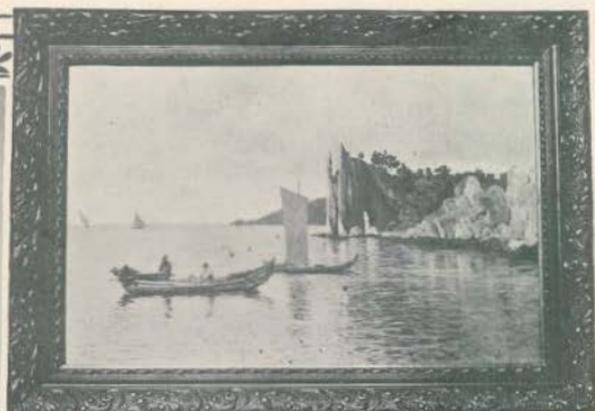
tos todos os elementos decorativos, dirigido tudo, emfim.

São diversos os typos de mobilia que correspondem ás secções de: industria, artes decorativas, ourivesaria e agricultura. A pintura que ornamenta cada uma d'estas secções é



O illustre pintor João Vaz. — Exposição do Rio de Janeiro: Friso da secção de industria, desenho de João Vaz executado sob a sua direcção.

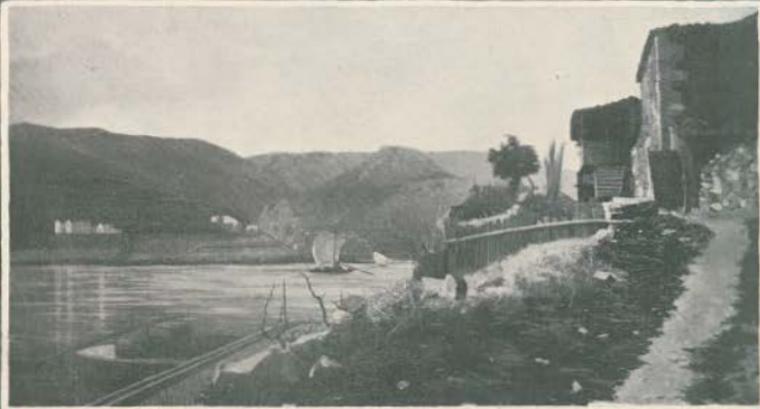
— Atelier onde se executam as pinturas decorativas por alguns alumnos e ex-alumnos da escola «Affonso Domingues» e outros artistas, sob a direcção de João Vaz. — Fragmento do friso da secção d'arte decorativa. Desenho de João Vaz, executado sob a sua direcção.



tambem especial, assim: a industria tem no seu frizo a navegação representada pelos barcos do seculo xv até á actualidade. A arte decorativa é representada pelos contornos da nossa architectura monumental: A Batalha, os Jeronymos, Alcobaça, Evora, Cintra, Braga, Thomar. A agricultura é decorada pelo seu frizo que tem como motivo principal medalhões com os typos populares mais característicos: A mulher do Porto, a ovarina, a tricana de Coimbra, a lavradeira do Minho, e a camponesa da ilha da Madeira.

Ainda na secção de bellas-artes, os muros, que serão revestidos d'um tecido de colorido neutro, proprio a fazer realçar as obras d'arte, são coroados com um frizo em tons de marfim e ouro, composto d'um motivo ornamental alternado, com todo o symbolismo da Renascença: a esphera armillar, a rede de D. Leonor, o pelicano, as cruzes dos templarios, de Christo, de Aviz e de S. Thiago.

O salão de honra, destinado á exposição oceanographica de El-Rei D. Carlos, aos modelos de barcos de



Margens do Sado, quadro de João Vaz (secção de bellas-artes).
 — Exposição da escola «Afonso Domingues»: Modelo de lavatorio.
 — Douro, painel decorativo de João Vaz



Friso decorativo da secção de agricultura (desenho de João Vaz, executado sob a sua direcção)

pesca da Escola Naval, aos retratos da familia real, tem como decoração um motivo em estylo Luiz XIV e aos centros das paredes os escudos d'armas portuguezes nos diferentes reinados.

Os trabalhos de pintura foram executados sob a direcção



Decoração dos moveis da secção de agricultura (desenho de João Vaz; esculptura de Joseph Füller).

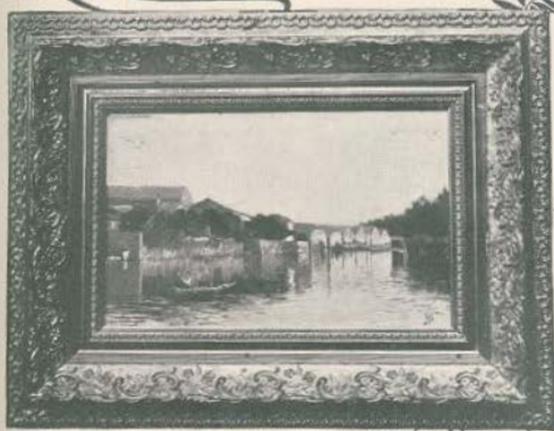
—Um canto do Tejo, quadro de João Vaz (secção de bellas-arts).

—Decoração dos moveis da secção de avie decorativa (desenho de João Vaz, esculptura de Joseph Füller)

de João Vaz, por discipulos e ex-alumnos das officinas da escola «Afonso Domingues» de que o talentoso artista é director. Os trabalhos em relevo foram modelados pelo professor da mesma escola Joseph Füller.

O illustre artista expõe tambem dois *panneaux* decorativos representando as paisagens das regiões do Minho e Douro, sendo o primeiro executado agora por encomenda da commissão, e envia á secção de bellas-arts sete quadros cujos titulos são: *O Sado—Esperando a maré—O Nabão (Thomar)—Margens do Sado—Paisagem alentejana—Um dia de Novembro—Um canto do Tejo.*

A escola «Affonso Domingues» que João Vaz dirige expõe também: Um quadro com exercícios de carpintaria; um quadro com exercícios de seralheria; um *panneau* de corativo da officina em pintura decorativa; um quadro com

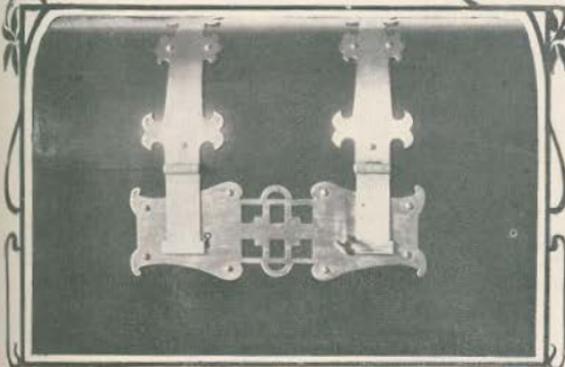


O Nabão (Thomar), quadro de João Vaz (secção de bella-artistes)

photographias de aspectos da escola; um quadro com photographias de trabalhos dos alumnos; modelo para um lavatorio; trabalho da aula de modelação e officinas de carpintaria e formação;



Minho («Panneau» decorativo de João Vaz) —Decoração dos moveis da secção d'arte decorativa (desenho de João Vaz, esculptura de Joseph à Filler) —Exposição da Escola «Affonso Domingues»: cofre com ferragens



2 plaquettes em staff, trabalhos da aula de modelação.

Aproveitamos a occasião para dizer que se fazem representar na exposição, com os seus productos officinaes, as escolas industriaes Marquez de Pombal, Principe Real e Rainha D. Maria Pia (Peniche).



UMA PINTORA PORTUGUEZA

EMILIA-SANTOS-BRAGA

N'uma terra avessa ás manifestações de arte pura e em que cada verdadeiro artista é, de ordinario, um benemerito, um abnegado e quantas vezes tambem um incomprehendido, constitue caso merecedor de especial registo o haver algumas raras senhoras de talento incontestavel que cultivem com perseverante affecto as bellas-artes e se atrevam a arrostar a indiferença publica, identificando-se firmemente com o ideal que guia os seus passos e procurando attingir a perfeição na sua obra, a despeito de aridez e até da hostilidade do meio. Entre as artistas portuguezas de actualidade, a sr.^a D. Emilia Santos Braga occupa, mercê das suas excepcionaes aptidões, do seu estudo constante e do seu indefesso trabalho, um lugar de eleição que não duvidaremos de que, dentro em breves annos, se considere, sem exagero nem lisonja, glorioso.



A sr.^a D. Emilia dos Santos Braga
— Retrato de D. Rosalia dos Santos, por D. Emilia Braga
— Retrato de D. Virgínia Santos d'Avellar, por D. Emilia Braga



A discipula illustre de José Malhã, sua visinha de *atelier*, e que tão aproveitada foi e tantos dos singulares meritos do insignissimo pintor adquiriu no seu incomparavel convivio e com a sua admiravel lição, inaugurou ha dias uma encantadora exposição de

quadros, aos quaes reuniu alguns de suas gentis irmãs D. Virginia Santos Avellar e D. Laura Santos e ainda os primeiros tentamens artisticos d'um grupo de meninas de quem *madame* Santos Braga é professora e cujas provas honram os nomes que as subscree-



Retrato de D. Aida Santos, por D. Emilia Braga
 — A supplica, quadro de D. Virginia Santos d'Avellar
 — Ociosidade, quadro de D. Emilia Santos Braga



vem e que são os de *mesdemoiselles* Alda Santos Silva, Eulalia Santos, Etelvina Santos Silva, Isabel Ortigão Ramos, Isaura Ferreira, Philomena Freitas, Rita Santos Silva e Sarah Bramão. Ao lindo *atelier* da rua Pinheiro Chagas, com o seu vestibulo engrinaldado de formosissimas rosas, accorreu um grande numero de pessoas a admirar os favores expostos—pintura a oleo, desenho a pastel e a *fusain*—e entre os quaes figu-

ravam alguns que, sem favor, se podem classificar de obras-primas.

As rosas que enforam a entrada do *atelier* de D. Emilia Santos Braga vimol-as lá dentro, em toda a sua graça e em toda a sua frescura, nos quadradinhos d'esse delicado temperamento artistico que é D. Virginia Santos Avellar, sendo igualmente revelações muito apreciaveis os trabalhos de D. Laura Santos e os das meninas a que nos referimos já.

Mas, como bem se comprehende, as atenções fixaram-se, de preferencia, nos trabalhos de D. Emilia Braga, alguns já conhecidos pela critica, e muitos novos, mas produzindo todos a mais viva e intensa impressão de agrado e demonstrando os complexos recursos da notavel artista.



O velho fidalgo, quadro de D. Emilia Santos Braga
— Juventude, quadro de D. Emilia dos Santos Braga
— Anciadez, quadro de D. Emilia dos Santos Braga

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

LOCAO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS
 Único producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvície e todas as afecções do couro cabeludo
L. DEQUEANT, Pharmacien 28, Rue Clichoncourt, Paris
 Em LISBOA, 13, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas
 Venda em todas as boas casas de PORTUGAL.

VAGO



SEIOS

Desenvolvidos. Reconstituídos
 Afirmados. Fortificados com as
Pilulas Orientales

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar danno algum a saúde. — Approved pelas notáveis medicas.

J. Ratié, Pharmacien,
 5, passage Verdeau, Paris.
 Franco com instruções reis 45
 Franco, para valle do correio enviado a:
 J. P. Bastos & C.º, 30, Rua Augusta, Lisboa

Companhia ***** DO ***** Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianais e Gobreirinho (Thomar), Pensão e Canal d'Hermio (Luz), Valle Mainz (Albergo) e Villa-a-Velha.

*** Escritorios e depositos ***
 LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
 PORTO—49, R. de Passos Manuel, 51

Ende. teleg.: Lisboa, Companhia Prado—Porto — Lisboa, N.º telefonico, 688

COMPREM AS Sedas suissas

VEJAM as amostras das nossas Sedas Novidades em preto, branco ou cor. de 1 fr. 20 a 18 fr. 50 o metro. Especialidades: estolas de seda para trapos de passelo, de casamento, de baile e de soirée, assim como para blusas, forros, etc. Vendemos directamente aos consumidores as nossas sedas garantidas solidas e enviámos-as aos domilios franco de porte.

EXPORTAÇÃO DE SEDAS
SCHWEIZER & C.ª
 Lucerne E. 11. (Suissa)

NESTLE FARINHA LACTEA

Preço 400 reis
 36 medalhas de OURO incluindo a conferida na Exp. Agricola de Lisboa

INSTITUTO de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisivelmente approvados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra obesidade e contra a excessiva magreza. Aguas e cremes para branquear a pelle das mãos, luvax e apparelhos para o seu aformoseamento. Quem quer conservar e embellecer a côr supregue todas as maravilhosos productos: Loção Creme e Pó Kiyiu. Instruções para o seu emprego. Tintura vegetal garantida e inoffensiva. Loção capilar para evitar a queda dos cabellos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua côr natural. Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os belloes e fazendo-os desaparecer com facilidade. O Instituto de Belleza deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, pre erinde casas perfumistas e cabelleiros para effectuarem a venda dos seus productos. Devem ser em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Belleza ecciona e dá curso de tratamento e embelezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar. 26, Place Vendôme, 26 — PARIS

ESGROFULA :: CHLORO-ANEMIA
 Authenticas (de Paris)
PILULAS DE BLANGARD
 Exigir o verdadeiro Producto (assinatura, etiqueta verde, e emblema)
XAROPE DE BLANGARD
 40, Rue Bonaparte, Paris (france).
LYMPHATISMO :: DEBILIDADE

PRINCIA VIOLET NOUVEAU PARFUM 20, RUE DES ITALIENS, PARIS



L'Epilvite
L'Epilvite
 CREME EPILATORIA prompta a ser empregada. Resultado garantido.
 Perfumada, dissolve instantaneamente as penugens desengradadas, a barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo. Não produz borbulhas, não irrita a pelle e mais delicada da
 M. A. GRAZIANI, Pharm. de 1ª classe, 63 Rue Rambuteau, Paris.
 Agente depar: Portugal: CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa.
 Preço do frasco pequeno 800 Reis e do frasco grande 1.400 Reis.

ALIMENTO DELICIOSO!
BANANINE MIALHE
 Farinha de Bananas esterilizada chocolateada e phosphatada
 Recomendada aos estomagos delicados
CRIANÇAS - CONVALEScentes - VELHOS
 Farmacia del Dr. MIALHE,
 PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA
 8, rue Favart, PARIS

Leitores: Ainda é tempo de iniciardes a vossa collecção de 400 coupons

e serão vossos os seguintes brindes: **CHALET** construido em terreno proprio, adquirido pelo **Seculo** e magnificamente situado na Avenida Antonio Maria de Avellar, talhão n.º 382, a dois minutos do carro electrico e cuja construção vae adeantada. O magnifico automovel «**Lion Peugeot**» modelo de 1908, completamente novo, oferecido pela **Casa Beauvalet**. Outro esplendido e elegantissimo automovel. Um soberbo e completissimo «**yacht**» de recreio. Uma viagem á **Terra Santa** offerecida pela agencia de viagens Ernst George. Uma excursão á ilha da **Madeira**. Excursões á França, á Inglaterra e á Italia.

Premios em dinheiro, riquissimas joias, magnificas mobílias completas para quarto, sala e casa de jantar, etc.

VERÃO-1908

ACONTECIMENTO SENSACIONAL NOS GRANDES ARMAZENS

Old England

109, RUA AUGUSTA, 111
R. de S. Nicolau (Predio todo)

Grandes novidades

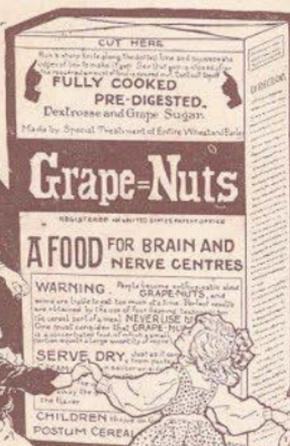
Em fazendas nacionaes e estrangeiras. O rigor da moda chic. Importantes secções de Alfayateria, Camisaria, Chapelaria e Luvaria.

É TUDO BARATISSIMO NO

OLD ENGLAND

FAÇAM UMA VISITA

Grape-Nuts



Peçam em todas as boas mercearias e casas de viveres o **Grape-Nuts**, a melhor e mais racional alimentação, o reconstituinte cerebral por excellencia.

O producto americano mais recomendado para a alimentação de creanças e adultos.

